

CONTRIBUIÇÕES DE UM TRABALHO GRUPAL MULTIFAMILIAR PARA AS FAMÍLIAS PARTICIPANTES

CONTRIBUTIONS OF A MULTIFAMILIAR GROUP WORK FOR PARTICIPATING FAMILIES

**DENISE GASPERIN
GELAIN**

Psicóloga clínica
E-mail: denisegelain@yahoo.com

DORIS WALDOW

*Psicóloga clínica – Msc em
Psicologia – Profa. Col. do
Familiare Instituto Sistêmico
de Florianópolis/SC*
E-mail: doriswaldow@hotmail.com

Recebido em 14/12/2011.
Aprovado em 29/01/2012.

RESUMO: Este artigo discute as contribuições de um trabalho grupal multifamiliar para as famílias participantes. Para tanto, utilizamos como modalidade de pesquisa um estudo de caso, através da análise das narrativas dos membros das famílias. Consideramos como base teórica e de discussão o enfoque sistêmico, o construcionismo social e as práticas narrativas. O objetivo foi o de refletir sobre as contribuições que o trabalho grupal multifamiliar proporcionou para as famílias participantes. Algumas das contribuições observadas foram: o resgate de recursos familiares e de ligações intergeracionais, o fortalecimento de vínculos entre pessoas da mesma família e o surgimento de novas formas de pensar. Consideramos o trabalho como uma modalidade que incita inúmeras reflexões e possibilita mudanças significativas na forma de pensar, sentir, agir e vivenciar as situações vividas em família.

PALAVRAS-CHAVE: Grupo multifamiliar; trabalho grupal; famílias; conversações; reflexões.

ABSTRACT: This article discuss the contributions of a multifamiliar group work for the participating families. For this purpose, we used the case study as a means of research by analyzing the narratives of family members, considering as the theoretical basis and discussion the family systems approach, the social constructionism and the narrative practices. The objective was to reflect on the contributions that the group work for families provided for the participating families. Some of the observed contributions were: the rescue of family resources and intergenerational bondings, the strengthening of bonds between members of the same family and the appearance of new ways of thinking. We considered this work as a modality that encourages countless reflections and allows significant changes in thinking, feeling, acting and experiencing the situations lived within the family.

KEYWORDS: Multifamily group; group work; families; conversations; reflections.

* A *terapia comunitária* é uma modalidade de trabalho com grupos desenvolvida por Adalberto Barreto e que tem por objetivo oferecer um espaço para expressão de experiências vividas e problemas; fortalecer laços sociais; e oportunizar o desenvolvimento de redes de apoio dentro da comunidade (Barreto, 2005), e para tanto se utiliza de etapas específicas na sessão: acolhimento, escolha de um tema, contextualização da situação escolhida, problematização e conclusão.

** A equipe terapêutica é formada por psicólogos, alunos em especialização do Familiare Instituto Sistêmico que, a partir do segundo ano de curso, passam a participar de horas práticas de atendimento.

Este artigo originou-se de um trabalho de conclusão de curso de especialização em terapia relacional sistêmica, no qual relatamos nossa experiência com trabalho grupal multifamiliar realizado em um instituto particular de psicologia sediado no sul do Brasil. Neste texto, desejamos aprofundar a reflexão sobre esta experiência, na tentativa de identificar possíveis contribuições do trabalho para os participantes. Para tanto tomamos como base a teoria relacional sistêmica, o construcionismo social e o enfoque narrativo. Esboçamos pontos convergentes entre tais teorias, experienciada numa nova modalidade de atendimento grupal multifamiliar.

Tal grupo multifamiliar existe na instituição desde 2006, com o intuito de criar um espaço de acolhimento e reflexão às famílias que aguardavam por atendimento familiar na clínica social do instituto. O grupo foi idealizado e fundado pela coordenadora do Instituto Prof^a. Denise Franco Duque e pelo Prof. João David Mendonça. Em sua primeira versão, foi utilizada a abordagem da Terapia Comunitária* sendo um grupo aberto e em que todos (coordenadores, equipe terapêutica** e famílias) faziam parte da grande roda comunitária. Por falta de participantes o trabalho foi encerrado em 2008, quando a instituição buscou hipóteses sobre

possíveis motivos da pouca adesão ao trabalho. Dentre algumas, destacaram-se duas: a dificuldade de formação de vínculos entre os participantes devido a alta rotatividade num grupo aberto, e o grande número de profissionais que compunham a roda, cujas perguntas poderiam ser sentidas como intimidantes. Em 2009 buscamos uma reedição do trabalho, com algumas alterações que serão apresentadas adiante.

O objetivo deste artigo é o de investigar e organizar algumas das contribuições desse trabalho às famílias participantes, como forma de conhecer as narrativas construídas durante o processo. Para isso, discutimos alguns temas e situações apresentadas pelas famílias, que permitiram a construção de conversações e reflexões no grupo. Também buscamos verificar se o trabalho grupal possibilitou aberturas a novas formas de pensar.

Para que novas formas de pensar possam ser construídas, é preciso que haja um espaço para diálogo e troca de ideias. Sem diálogo não se constrói um sentido coproduzido e o envolvimento num diálogo pode gerar novos sentidos. De acordo com Anderson e Goolishian (1998), sentidos e significados são gerados por sistemas humanos. Consideramos o grupo um sistema humano, formado por participantes e terapeutas, e, portanto, produtor de sentidos. Também entendemos a família como um sistema humano gerador de narrativas e sentidos. As narrativas organizam as experiências das pessoas (Gergen, 1982; Anderson & Goolishian, 1988; Shotter & Gergen, 1989, como citado em Anderson & Goolishian, 1998). Em cada família, as descrições de si e do outro estão relacionadas com as formas de pensar possíveis e “permitidas” naquele contexto.

Quando o sistema está passando por o que é nomeado como “transições do ciclo vital” segundo Carter & McGoldrick (1995), isto é, por etapas pelas quais o indivíduo e a família usualmente percorrem ao longo de suas vidas, isso pode implicar em algumas transformações familiares. Segundo as autoras, a família, assim como o indivíduo que passa por diversas etapas de desenvolvimento, também tem suas etapas a serem vividas e superadas dando lugar a novos desafios desenvolvimentais. Mas é possível inferir que nem sempre o sistema familiar pode estar aberto a mudanças e a olhar seus membros sob novas perspectivas. Quando não está conseguindo negociar mudanças, a família pode ser entendida, de acordo com os autores citados, como paralisada em um dado momento do ciclo de vida, impedindo o desenvolvimento de seus membros. Entendemos que a construção de novas descrições de si e do outro podem ser úteis para permitir esse movimento.

Numa conversação terapêutica, as perguntas do terapeuta podem ajudar as pessoas de uma família a fazerem relações e a criarem novas descrições de si e do outro. Assim, o foco se amplia e, conforme White e Epston (1993) e White (1995), o relato sobre as dificuldades pode perder força. Trata-se de olhar para estas a partir de outro ponto de vista, e pensamos que isto pode ser feito, por exemplo, com o auxílio dos participantes de um grupo e da equipe reflexiva, os quais, ao contrário do membro familiar diretamente envolvido nas dificuldades, não se encontram saturados por aquele problema.

As conversações construídas ao longo dos encontros no grupo multifamiliar ajudaram a dar vida ao que era, no início, apenas um agrupamento de pessoas, afinal o processo grupal é entendido como um contexto propício

para “integração social” (Costa; Conceição; Sudbrack, 2010, p.125) e apoio mútuo entre seus membros (Ibidem, 2010), além de, a partir da conversação e das perguntas terapêuticas, poderem gerar novos sentidos aos seus participantes (Anderson & Goolishian, 1998). Tais conversações são entendidas como uma busca mútua pelo diálogo, com troca de ideias, na qual novos sentidos evoluem na direção da dissolução de problemas (Anderson & Goolishian, 1998). Essa troca de ideias é realizada entre todas as pessoas componentes do grupo, considerando que terapeutas também estão incluídos na construção desse sistema.

O terapeuta de grupo não precisa procurar conteúdos subjacentes às falas das pessoas e sim deve ser especialista no processo conversacional e mediador deste processo. Ele é responsável pelas narrativas produzidas no grupo. Deve ficar atento a fim de saber se estas podem favorecer aberturas ou restringir formas alternativas de perceber e se relacionar com o mundo (Guanaes, 2006).

A equipe reflexiva é uma das formas de se organizar uma conversação, transitando entre falar e escutar (Andersen, 1998), acerca de determinadas questões e é formada por um número variável de profissionais que ficam atrás de um espelho unidirecional (entre a sala de atendimento e a sala de observação) ou no mesmo ambiente como parte do contexto terapêutico (Andersen, 2002). Para o autor, as conversas são vistas como uma importante fonte para a troca de descrições e explicações, de definições e de significados que podem dar um novo tom às antigas descrições e explicações, e até fazer surgir novas descrições.

O terapeuta está em conversação com as pessoas, convidando-as para um diálogo, para compreender como

elas chegaram às suas descrições e debater possibilidades de outras descrições. Em determinado momento, este convida os participantes a escutarem o que a equipe reflexiva tem a dizer acerca do que foi discutido até o momento. Os profissionais, por sua vez, conversam entre si com o objetivo de expor ao restante do sistema suas percepções acerca do contexto grupal. Nesse momento a conversação fica entre os profissionais a fim de permitir que os participantes se sintam livres para ouvir sem a necessidade de se envolverem diretamente na conversa.

Essas trocas de posições reflexivas têm por objetivo ampliar possibilidades de compreensão da mesma situação, retomando o movimento em sistemas paralisados, e permitindo a reflexão das diferentes possibilidades que não necessariamente são excluídas. Busca assim, proporcionar base de escolha para que a pessoa possa tratar de uma forma diferente situações paralisadas ou reagir a novos fatos, sejam eles previstos ou não, e permitir que as pessoas, ao escutar, se façam novas questões e pensem coisas que não haviam pensado, ampliando seu sistema de ideias e crenças e estimulando novas formas de interagir.

Também o modelo da terapia comunitária, desenvolvido por Adalberto Barreto, busca uma organização das conversações presentes no trabalho de grupo. A terapia comunitária é uma modalidade de trabalho terapêutico que oferece um espaço para expressão do sofrimento, suporte e apoio, a partir do fortalecimento de laços sociais (Barreto, 2005) e do estímulo à criação e ao desenvolvimento de redes de apoio. Essa proposta de terapia favorece mudanças por parte de indivíduos, famílias e comunidade (Grandesso, 2005) na qual estão inseridos. A abordagem propõe-se a recuperar as com-

petências dos participantes e os saberes construídos pela experiência de vida/vivida (Barreto, 2005). Nesse sentido, Grandesso (2005) destaca que, através da terapia comunitária, podem ser gerados recursos e aprendizados a partir do sofrimento e das adversidades, quando as pessoas são reconhecidas e legitimadas em seu potencial e competências.

A prática desenvolvida por Barreto baseia-se em algumas etapas. Num primeiro momento o terapeuta acolhe os participantes e apresenta as regras da proposta terapêutica, que incluem não dar conselhos, não julgar, falar de si. Em seguida as pessoas são convidadas a apresentar os temas que gostariam de falar naquele dia, e o próprio grupo vota em um dos temas que será explorado. O terceiro momento constitui-se da tentativa de contextualização do tema escolhido, durante o qual o grupo faz perguntas à pessoa que fala, a fim de auxiliá-la a organizar melhor suas emoções, sentimentos e pensamentos. Através das perguntas procura-se conhecer mais a situação e desencadear a reflexão com o intuito de auxiliar a pessoa a vislumbrar possibilidades de dar sentidos às dificuldades vividas. Nesta etapa, o terapeuta constrói um “mote”, uma “pergunta-chave que vai permitir a reflexão coletiva” (Barreto, 2005, p.97). Passa-se então a etapa de problematização, quando o terapeuta lança o mote. Nesse momento, a pessoa é convidada a ouvir os demais integrantes do grupo que comentam brevemente suas experiências a respeito do assunto e estratégias já desenvolvidas para enfrentar situações semelhantes. A conclusão da sessão se dá com a união de todos em uma roda, reforçando o vínculo, e o terapeuta fala sobre o que aprendeu ou lhe tocou nas histórias das pessoas, fazendo uma “conotação positiva” e

pedindo às pessoas que verbalizem o que aprenderam naquele encontro.

Da mesma forma que conversas e trocas de ideias são realizadas entre pessoas, no trabalho grupal o terapeuta pode fazer “conversar” diferentes abordagens. Nesse grupo multifamílias aproximamos elementos da terapia relacional familiar sistêmica e das práticas narrativas com a perspectiva colaborativa de Anderson e Goolishian (1998), o entendimento das conversas e equipe reflexivas de Tom Andersen (2002), juntamente com a estrutura de trabalho da terapia comunitária de Adalberto Barreto.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Aproveitando nossas experiências profissionais* a modalidade de pesquisa escolhida foi o estudo de caso, através da análise temática das narrativas dos membros das famílias participantes durante as sessões realizadas. Os dados foram obtidos através de gravações audiovisuais de sessões de grupo. Para fins desta pesquisa, foi feito um recorte de dez sessões consecutivas de grupo, dentre os encontros realizados entre 2009 e 2010. Por se tratar de uma clínica escola, as sessões foram filmadas a partir da autorização por escrito das famílias, precedida da leitura do termo de consentimento livre e esclarecido, com a garantia de que a utilização dos vídeos com fins didáticos, científicos e terapêuticos, ficaria restrita aos terapeutas do referido instituto, sendo salientado o caráter sigiloso dos mesmos, conforme previsto no Código de Ética do Conselho Federal de Psicologia.

Após os encontros, assistimos às gravações e escrevemos um resumo de cada sessão. Como recurso secundário, utilizamos fichas de algumas famílias, provenientes de entrevista de acolhi-

* Ambas coordenaram o grupo e uma delas também foi supervisora.

mento, além de um encaminhamento médico por escrito, que se encontrava anexo a uma das fichas. As famílias participantes chegaram ao instituto encaminhadas por serviços de psicologia e por profissionais de diferentes áreas. No acolhimento, realizado por uma psicóloga, era verificada a demanda da família e, dependendo do caso, oferecida a possibilidade de participação no grupo multifamílias enquanto esperava por atendimento da unidade familiar. As narrativas foram analisadas tematicamente e discutidas a partir das bases teóricas que fundamentam este estudo: enfoque sistêmico, o construcionismo social e as práticas narrativas.

METODOLOGIA DO TRABALHO EM GRUPO

O grupo se constituiu de forma semiaberta, isto é, novos participantes podiam ingressar a cada início de semestre, mas o grupo se fechava após alguns encontros, pois acreditamos que esse procedimento possibilita maior vínculo e a confiança entre os membros. Além disso, a família inteira era convidada a participar, porém era ela quem definia quais de seus membros viriam. O grupo reuniu-se em encontros quinzenais durante o primeiro semestre e dali em diante, a pedido de grande parte dos participantes, sua frequência passou a ser semanal. Cada sessão tinha duração de aproximadamente uma hora e meia.

Compunham o grupo as famílias (incluindo crianças, adolescentes e adultos), nós terapeutas que trabalhamos em dupla coordenação, e uma equipe reflexiva formada por oito profissionais em curso de especialização. Essa equipe ficava estrategicamente disposta na lateral da sala, não havendo espelho unidirecional entre elas e

as famílias, e atuava com base nas conversas e equipe reflexivas propostas por Tom Andersen (2002).

Por se tratar de um grupo de famílias com crianças e/ou adolescentes, sempre deixávamos materiais lúdicos e de desenho/pintura em uma mesa na sala, para quem desejasse utilizá-los. Com autorização da criança/adolescente, mostrávamos o material produzido aos demais participantes do grupo durante ou ao final das sessões e sempre que possível aproveitávamos esse material para agregar reflexão ao tema discutido.

A organização de cada encontro seguiu parcialmente o modelo de etapas proposto pela Terapia Comunitária, já discutida anteriormente, o qual foi adaptado, passando a contar com as sete seguintes etapas:

1- boas-vindas às famílias – explicitando a forma e as regras do trabalho, e escolha democrática do tema, por votação, a partir de “manchetes” referidas pelos participantes (breve apresentação sobre o que cada um gostaria de falar na sessão);

2- contextualização – quando a pessoa que teve sua manchete escolhida aprofundava o tema. Nesse momento todos os participantes podiam ajudar a pessoa escolhida, a partir de perguntas, a desenvolver sua manchete para que pudessemos compreendê-la;

3- problematização – momento em que solicitávamos que a pessoa que relatou o tema ficasse em silêncio, e convidávamos os outros integrantes da família e do grupo a comentar brevemente suas próprias experiências a respeito da questão tematizada, se já viveram alguma situação parecida e como se sentiram ao ouvir a história do outro;

4- fala da equipe reflexiva – os profissionais conversavam entre si dividindo experiências e sentimentos acerca

do que foi falado no grupo, refletindo em voz alta outras leituras possíveis do mesmo tema. A equipe propunha-se a não fixar-se apenas na família que trouxe a manchete, buscando englobar todos os que contribuíram com suas histórias, ou mesmo aqueles que participaram de forma não verbal, a partir de desenhos, sono, atenção, emoção, agitação, entre outros;

5- expressão dos sentimentos frente à problematização – uma das terapeutas convidava a pessoa que contextualizou o tema, bem como os demais integrantes, a expressarem seus sentimentos relacionados ao que as pessoas do grupo como um todo (equipe, famílias) tinham acabado de falar;

6- finalização com síntese tecida pelas terapeutas seguida do fechamento da sessão;

7- despedida – realizada por meio de uma atividade a que chamamos “abraço coletivo”, quando psicólogas e participantes levantavam e formavam uma roda, sendo que cada um abraçava quem estava ao seu lado, e expressavam por meio de uma palavra o que levavam daquela sessão.

PARTICIPANTES E TEMAS DISCUTIDOS

Adultos, crianças e adolescentes de diferentes origens sociais e culturais participaram do grupo: a família A era composta por Omar*, Penélope e seus filhos Maitê (10 anos) e Manoel (7 anos); a família B contava com Andrei e seu filho Rafael (12 anos); a família C era formada por José, Jenifer e seus filhos Jacson (12 anos) e Antonia (10 anos); a família D era composta pelo casal de pais Joel e Mena; a família E contava com João, Ana Paula e a filha deles Clara (3 anos) além dos enteados Vitorio (12 anos) e Bibiana (7 anos); Mia (família F), Manoela

(família G) e Irma (família H) eram representantes únicas de mais três unidades familiares.

No decorrer das dez sessões em relevo, oito famílias (doze adultos, três crianças e cinco jovens – pré-adolescentes e adolescentes) fizeram parte do grupo. O número de participantes entre adultos, adolescentes e crianças presentes em cada sessão, variou de três a dez pessoas. Nas dez sessões, sempre esteve presente pelo menos um pré-adolescente/adolescente. Em quatro desses encontros, uma ou mais crianças participaram do grupo.

Os tópicos eleitos pelas famílias para serem conversados no grupo incluíram: educação de crianças e adolescentes e formas de colocar limites; violência intergeracional; relacionamento pais-filhos; conflito conjugal; problemas na relação com enteados e com outros familiares do cônjuge. Não raras vezes, o grupo versou em torno de temas envolvendo o manejo familiar na entrada da adolescência.

Escolhemos quatro famílias em particular nas quais centramos as reflexões aqui apresentadas, por sua assiduidade ao grupo que permitiu que acompanhássemos de perto o movimento delas no mesmo. Estas famílias continuaram frequentando o grupo mesmo depois de abrirem questões emocionais que permaneciam lhes trazendo sofrimento. Nesses momentos, não raras vezes os demais participantes se sentiam a vontade para e ofereciam alguma forma de apoio à pessoa que tinha aberto sua intimidade. Isso nos fez pensar que, de alguma forma, estávamos ajudando essas famílias, já que o espaço grupalmente construído parecia ser um contexto favorável para a ajuda mútua. Dessa forma, a questão que colocamos aqui diz respeito a identificar quais foram as contribuições do trabalho grupal e refletir sobre elas.

* Os nomes verdadeiros dos membros familiares foram trocados por nomes fictícios e mantiveram-se alguns dados preservados, a fim de garantir o sigilo e privacidade dos mesmos. Também o nome das profissionais pertencentes à equipe reflexiva foi mantido em anonimato.

A discussão foi organizada por temas, tendo em vista que o conteúdo das sessões não seguiu uma ordem cronológica, e muitas vezes uma questão já tematizada voltava a ser discutida pela mesma ou outra família depois de alguns encontros.

Cocriação de um ambiente favorável ao trabalho grupal e conversas sobre educação de filhos e limites

Nos primeiros encontros, apresentamos e discutimos brevemente com os participantes as etapas dos encontros bem como a importância de algumas regras da proposta de trabalho, tais como o sigilo, não dar conselhos, falar de si próprio, não julgar, concordando com a proposta de Barreto na Terapia Comunitária. Algumas pessoas ofereciam conselhos aos outros, principalmente nas primeiras sessões, e nossa compreensão foi de que o conselho, naquele momento e contexto, podia ser uma forma delas evitarem entrar em contato com as próprias emoções. Acreditamos que, quando dava o conselho, a pessoa poderia ter a esperança de se distanciar de sua própria dor e sofrimento, colocando-a provisoriamente sobre o outro. Além disso, entendemos que o conselho gerava mais ansiedade em quem o ouvia, não se constituindo como fonte de alívio do sofrimento, já que para o outro tal problema parecia ser resolvido de forma fácil e simples enquanto ela própria não conseguia modificar sua situação.

As coordenadoras foram aos poucos enfatizando a regra, no intuito de facilitar o processo grupal, e os participantes começaram a ouvir e a dividir suas experiências sem precisar dizer ao outro o que deveria fazer, respeitando assim a diversidade do grupo e permitindo maior leque de possibilidades à

família com determinada dificuldade. A partir dos trechos de relatos expostos na sequência, compartilharemos a experiência destas pessoas em participar deste formato de grupo, discutindo certos aspectos com alguns autores das abordagens utilizadas.

Na terceira sessão, o tema eleito pelos participantes foi o de Jenifer: “como educar os filhos e os limites”.

Em sua primeira participação no grupo (terceira sessão grupal), Jenifer e José trouxeram a carga de “comportamento opositor-desafiador” e “imaturidade emocional” relatados em um encaminhamento médico por escrito, atribuídos a sua filha Antonia. Jacson e sua irmã Antonia mostraram-se sonolentos, contrariados e entediados.

Na etapa de problematização do tema junto aos participantes do grupo, as terapeutas perguntaram aos pais quanto a sua própria adolescência e relação com seus genitores, e tanto os pais acima quanto outros dois participantes – Joel e Mena – relataram suas experiências. Enquanto filhas, as mulheres afirmaram que não questionavam as ordens de seus pais e foram obedientes a eles e então não receberam castigo físico. No entanto, José e Joel haviam recebido esse tipo de punição, por parte de pelo menos um de seus pais, e entendiam que haviam merecido tal punição. Jenifer e José relataram que utilizam esse castigo com seus filhos atualmente e defendem a continuidade de seu uso como forma de “educação”.

Já Andrei, que mora com o filho Rafael, falou que quando o adolescente não faz os exercícios prescritos pela fonoaudióloga, usa como castigo tirar o notebook dele, como forma de educação. Rafael disse que este “é o pior castigo!”.

No momento em que a equipe reflexiva conversava entre si, uma das psicólogas falou sobre sua experiência

como filha, relatou que viu seus pais chorando por não saberem como educá-la [...], de como ela se sentia frente a isso quando adolescente, e como algumas coisas só entende agora, depois de adulta. Esse sentimento é compartilhado pelas profissionais que se questionaram ainda sobre a difícil tarefa de educar, e das marcas deixadas pelo castigo físico relatado pelos participantes.

Na continuidade, as terapeutas pediram para os participantes expressarem como se sentiram ouvindo a equipe. Andrei disse que a fala da psicóloga que relatou a angústia dos pais lhe comoveu e ele se pôs a refletir sobre sua relação com a mãe. Andrei falou que gostaria de ter passado mais tempo com ela, antes dela morrer. Em seguida, José também abordou sua relação com a mãe e relembrou de seu falecido pai.

Também o castigo relatado por Andrei (tirar o computador) foi lembrado, e então ressaltado pelas terapeutas que aproveitaram a experiência para refletir sobre possíveis consequências do castigo físico bem como incitar um questionamento sobre novas formas de colocar limites.

Mais adiante, Andrei retomou o assunto sobre o qual Jenifer pediu para conversar no início do encontro e perguntou a ela se Jacson e Antonia são carinhosos. A mãe respondeu que sim e que expressam amor mãe-filho por meio do beijo antes de saírem de casa.

Principalmente nas primeiras sessões de grupo, as terapeutas não se detiveram apenas no diagnóstico recebido pela pré-adolescente, buscando ampliar o foco para as relações intergeracionais. No que se refere aos filhos, os pais apresentaram ao grupo um relato saturado pelo problema (White & Epston, 1993), que destacou características individuais e relacionais negativas. Estas já podem ter sido reforçadas pelo próprio encaminhador, sendo necessário que o terapeu-

ta atente para outros aspectos, tais como as experiências, potencialidades e recursos da família.

Com relação ao processo de educação dos filhos realizado pela família, no espaço de algumas décadas houve modificações significativas: “[...] no lugar do ‘velho’ (que era o correto, o adequado e desejável até ontem) existem mil novas regras e conselhos, todos válidos, ainda que possam ser contraditórios” (Biasoli-Alves, 2001, p.80). Nesse cenário de mudanças, os pais podem se sentir inseguros e criticados, necessitando serem valorizados em suas competências. É mister discutir uma solução alternativa para o impasse, não deixando os pais sem saber como educar (mais perdidos do que já estavam), e os filhos na ausência da necessária disciplina.

Na terceira sessão, pais e filhos ajudaram-se quando o tema foi a educação destes: os genitores compartilharam algumas experiências passadas e suas dúvidas atuais com seus pares (outros pais) e com os filhos ali presentes. A troca de ideias envolveu pelo menos três gerações, pais e filhos presentes no grupo e avós que foram lembrados. Além de mais de uma geração da mesma unidade familiar, a conversa também abarcou outra “família adolescente”, do jovem que falou aos demais pais sobre sua experiência, e que, naquele momento, funcionou como um coterapeuta. Com breves palavras, o adolescente abordou a situação do “castigo” por ele recebido, diferenciou-a de outras formas de castigo e falou sobre seu efeito. Coube então a nós, terapeutas, tirarmos proveito da contribuição vinda dessa outra voz, a desse adolescente.

Ainda se tratando de limites, a violência intergeracional foi assunto recorrente nas sessões e foi trabalhado pelas coordenadoras a partir do grupo.

Aproveitou-se este tópico para refletir, mesmo que brevemente, sobre limites, a transmissão da violência intergeracional e sobre como o grupo pode contribuir para abordar essa questão.

O grupo é um espaço no qual é possível desconstruir alguns estereótipos culturais e de gênero (Duque, 2001). Uma crença cultural consideravelmente difundida é a de que os pais podem bater em seus filhos, que estão autorizados a fazer isso. É necessário que o terapeuta de grupo problematize as relações que mantêm a ocorrência de relações violentas e que deixe clara sua posição contrária às violências, porém que o faça de uma forma respeitosa para que não se torne apenas mais uma ordem imposta “de cima para baixo” e sem efeito, ou mesmo uma nova violência contra esses pais muitas vezes violentados em suas famílias de origem.

A partir do momento em que os pais começaram a compartilhar sua história pessoal, como por exemplo, a forma como foram criados por seus genitores, ampliou-se o foco e ficamos com a impressão de que os adolescentes puderam se aliviar do peso das queixas inicialmente apresentadas, pois passaram a circular mais livremente pelo espaço da sala.

Com relação ao papel da equipe reflexiva no processo grupal, percebemos que o relato da psicóloga impulsionou novas reflexões por parte dos participantes, que puderam continuar revisitando aspectos de seu relacionamento com a geração precedente, incluindo os genitores que já faleceram. Além disso, os participantes lembraram e expressaram, ainda que brevemente, a dor da perda, tanto dos pais quanto das coisas que queriam ter feito e não puderam ou não tiveram tempo de fazer com eles. Observamos que certas ideias e relatos de experiências de pessoas da equipe reflexiva

tiveram um impacto sobre as conversações subsequentes, realizadas entre os participantes. No que concerne ao fato de Andrei ter verbalizado que se emocionou com o relato da psicóloga, isso sugere que sentimentos de empatia e compreensão puderam ser criados entre participantes e equipe. Entendemos que as famílias, aos poucos, aprenderam com a equipe a importância do compartilhar de experiências e a fazer reflexões sem impor sua forma de pensar, possibilitando ainda mais trocas no grupo.

Como se pode observar no último trecho da sessão, Andrei contribuía ativamente para as conversações em grupo. Por meio de sua pergunta a Jennifer, ele abriu portas para que ela e seu marido percebessem os filhos de outra forma, para verem aspectos relacionais positivos de seus filhos que talvez estivessem passando despercebidos. Determinadas perguntas podem ajudar a pessoa a revisar sua relação consigo mesma, com outros e com os problemas (White & Epston, 1993). Elas podem ainda diminuir a influência do problema sobre a vida das pessoas implicadas (White & Epston, 1993), gerando possibilidades destas agirem de maneira mais flexível. Quando se diminui a influência de certo problema, os membros da família podem retomar as rédeas de suas vidas e relações.

Resgate dos recursos familiares e coparticipação nas dificuldades apresentadas

Moujan e Mazieres (1978, p.47) afirmam que o coordenador pode ser visto como “pai exemplar”, que transmite normas parecidas com aquelas que a pessoa recebeu da autoridade de seus pais, na infância. O participante do grupo pode esperar que o terapeuta ofere-

ça conselhos, orientações, “uma direção” a seguir. Pode haver a expectativa de receber ordens ou normas a serem aplicadas a fim de superar suas dificuldades. Constatamos algumas dessas expectativas desde as primeiras sessões e elas ficaram mais claras na segunda vez que a família de Jenifer compareceu ao grupo (quarto encontro):

Jenifer chegou ao grupo já se dirigindo às terapeutas e perguntou: “Quero saber de vocês como psicólogas como agir na questão dos limites. O que vocês me orientariam?”

As terapeutas falaram sobre construir juntas e com o grupo soluções para as dificuldades apresentadas, mas que precisavam primeiramente ouvir as manchetes para que o grupo decidisse qual seria o tema a ser trabalhado no encontro. O grupo concordou em discutir questões de limites e iniciou-se a contextualização desses momentos em que Jenifer sentia não conseguir dar limites aos seus filhos.

Mais adiante, espontaneamente José retomou a sessão passada, sinalizando que foi ouvido: ele diz que ali [grupo] é uma “coisa mais espiritual”, chamou o encontro de “palestra importante”, que está fazendo bem para ele.

Jacson, Antonia e Rafael falaram sobre as atividades que gostam de fazer (desenho, pipa, artesanato) e sobre como vêm certos aspectos de sua relação com os pais, expressando algumas insatisfações. Por exemplo, Antonia reclamou do “jeito” do pai quando vai ensinar alguns conteúdos escolares, pois segundo ela, “ele fica brabo quando a gente não entende”. Nessas situações, Jacson e Antonia choram.

Do meio para o final da sessão, surgiram conversações entre pais-equipe-terapeutas sobre educação de filhos.

As conversas que se realizaram no encontro contemplaram as questões de Jenifer e José ao indicarem que os

caminhos a seguir são diferentes para cada família e instigando os pais a encontrarem, com a ajuda do grupo e da escuta de seus filhos, os recursos que vêm de dentro da própria unidade familiar. Além da capacidade para soluções que vem das famílias, também confiamos nos recursos que vem do grupo. Acreditamos que os filhos viram no grupo uma fonte de ajuda para algumas dificuldades familiares e assim também eles depositaram confiança no trabalho grupal. Com relação aos adolescentes, observamos que desta sessão em diante, eles inseriram-se no processo grupal, participando com desenhos e verbalizando a respeito de alguns temas em discussão.

Na quinta sessão, Jenifer comentou sobre dificuldades escolares que estariam prejudicando o rendimento de Jacson no colégio. As reflexões realizadas por Andrei e a equipe vão na direção de que o próprio adolescente e a mãe identificassem aspectos de sua coparticipação no problema apresentado. Jenifer mudou o tom de voz e, aceitando as contribuições do grupo, falou que Jacson reflete sobre o que se fala para ele.

Notamos que o grupo como um todo ajudou Jenifer a vislumbrar que ela e sua família estavam implicados tanto na manutenção quanto no enfrentamento e resolução de suas dificuldades. Destes encontros, apreendemos que aos poucos os participantes foram pegando suas histórias nas próprias mãos, reconhecendo-se nelas como coautores.

A necessidade de reconhecimento e a escuta de outras vozes

No décimo encontro, a ênfase colocada na questão do abandono nos fez pensar sobre seu alcance e pos-

síveis consequências. Acreditamos que alguns participantes se sentiram abandonados não somente por um sobrinho (como ilustraremos a seguir) poucos anos atrás, mas também pelos pais, como inferimos que tenha sido o caso de Omar. Pode ser difícil pensar no bem-estar do grupo quando necessidades básicas pessoais, tais como ser cuidado pelos pais, foram relegadas a um segundo plano de importância na infância.

No décimo encontro, o tema foi: pais que se sentiram abandonados pelos sobrinhos, sendo que estes foram recebidos como se fossem filhos. Isso aconteceu nas famílias de José e de Omar, as quais acolheram os jovens em suas casas por determinado período de tempo. No caso de Omar, ele esperava reconhecimento por ter recebido o sobrinho da esposa em sua casa, durante três meses.

No momento em que foi passada a palavra para a equipe reflexiva, uma das psicólogas falou sobre a maturidade que ela tinha com 15 anos, que não conseguia nem escolher a cor da blusa que ia pro colégio.

Na etapa seguinte, quando uma das terapeutas perguntou para Jennifer como ela se sentiu ouvindo a equipe reflexiva, ela chorou. Jacson percebeu a emoção da mãe e escondeu as lágrimas levantando sua camiseta sobre o rosto.

Faltando menos de cinco minutos para encerrar a sessão, Omar chorou copiosamente e se lembrou de quando era jovem, falou que preferia estar na casa das tias do que com seus pais, que foram elas que lhe criaram. Acrescentou que atualmente na casa delas ainda hoje é “bem-vindo” e tratado como “o filho pequeno” diferente do que acontece na casa de seu pai onde, segundo Omar, ele não pode entrar.

Uma das coordenadoras fez um breve fechamento dizendo que a emoção havia perpassado os componentes do grupo e, sobre o retorno que Omar gostaria de ter recebido, apontou que as crianças e adolescentes que estavam na sessão, incluindo seus filhos, permaneceram o tempo todo colaborativos, indicando com isso que querem ajudar os pais a pensarem essas questões que ainda ficam doloridas. Omar finalizou dizendo que vai ensinar seus filhos a serem agradecidos.

Com o andamento do processo grupal, Omar e José mudaram a forma de se relacionarem com os demais participantes e com as profissionais. Eles se colocaram mais vezes em posição de escuta ativa, sendo esta aqui considerada como uma forma de interação com os outros. Talvez tenha sido a partir do momento em que Omar se sentiu ouvido pelo grupo, que emergiu sua capacidade de escuta do outro. A escuta não se constituiu em um “favor” aos demais, pois pensamos que com ela os participantes puderam descobrir benefícios tais como: compreender mais, refletir sobre sua situação pessoal, e sentir-se útil ajudando o outro. Assim, pode-se dizer que ao longo do processo grupal criaram-se novas formas de interação entre membros das diferentes famílias, com destaque para a escuta de outras vozes, interesse pelo outro e por sua história de vida.

AVALIAÇÕES INFORMAIS DO TRABALHO GRUPAL

Ao final do ano convidamos os membros familiares a compartilharem com os demais como foi para eles participar do grupo e se gostariam de continuar comparecendo ao mesmo no semestre seguinte. Neste encontro estavam presentes as famílias A

(Omar, Maitê e Manoel), B (Andrei e Rafael) e E (Ana Paula, Bibiana e Clara). Duas delas manifestaram desejo de continuar o trabalho. A família B, que nunca faltou nenhuma sessão, estava em dúvida com relação a prosseguir no grupo.

Os membros do grupo funcionaram como modelos uns para os outros, em alguns aspectos. Para um genitor, pode ser confortante descobrir que outros pais também possuem dúvidas com relação a melhor maneira de educar seus filhos, conforme ilustra a fala de Andrei (mais adiante, a família B optou por não continuar no grupo): “*Mas também os nossos problemas são bem parecidos com os dos outros. [...] Pô não é só do meu filho, né, o dos outros também [...].*” Ainda com relação aos membros do grupo que podem ser tomados como modelos de identificação, para Ravazzola et al. (1997), “escutar um par não é o mesmo que um terapeuta. As pessoas se aliviam ao descobrir que outros compartilham seu problema [...]” (p.301). Vale destacar que os participantes estão entre “iguais”, não há hierarquia como há com o terapeuta, mesmo quando ele tenta sair do lugar de *expert* para tomar uma postura mais horizontal com seus clientes.

Além da questão da identificação entre pais, outro aspecto que os participantes abordaram nesse encontro foi a importância da escuta. Algumas pessoas têm a tendência de não escutar, por não terem sido/serem ouvidas e valorizadas (Barreto, 2005) como pessoa em suas competências. Nos primeiros encontros, Omar vinha irregularmente às sessões e impunha sua vontade de falar aos demais integrantes do grupo. Seu tema era apresentado por ele como o mais importante e urgente a ponto das terapeutas terem de colocar alguns limites para atender à demanda do grupo como um todo.

A partir de sua quarta participação no grupo, segundo Omar, ele começou a escutar os outros: “*Sentando todo mundo e ouvindo o problema dos outros a gente consegue ter uma melhor percepção do seu.*” Em muitos momentos Omar demonstrou tirar proveito da escuta, aprendendo a entender melhor o outro e a comparar suas próprias experiências vividas com “*(...) o outro lado da moeda*” (Omar).

No início do semestre seguinte (2010), a família C (Jenifer, José, Jacson e Antonia), que não esteve presente no encontro final de 2009, contribuiu com sua “avaliação” das sessões: José, que no início também demonstrava grande necessidade de falar e pouca disponibilidade para escutar, segundo ele, começou a falar e também a escutar: “*A gente aprendeu a descobrir mais coisas, a ouvir mais.*” Jenifer relatou que ela, o marido e os filhos estão conversando mais, que antes quando estes “*faziam alguma coisa errado já xingava, já gritava, já brigava, sabe? Agora não, agora conversa, fala uma vez [...] acho que a coisa está se direcionando melhor.*”

Jenifer mencionou que está utilizando mais a conversa, como forma de se relacionar com os filhos. A negociação de diferenças e conflitos entre pais e adolescentes (Offer e cols., 1981, como citado em Garcia-Preto, 1995) parece ser mais efetiva quando é desenvolvido o diálogo entre as gerações e compartilham-se sentimentos. Além disso, se os pais estão mais unidos na tarefa de educar os jovens, podem expandir sua atenção para outras áreas de sua vidas tais como eventuais dificuldades no casamento, falta de proximidade com amigos ou problemas com a família de origem (Garcia-Preto, 1995).

Não raras vezes, os adolescentes desafiavam os costumes da família e discordam das ideias dos pais. Por serem intensas as exigências desses jovens, questões emocionais não resolvidas

podem ser despertadas na família. Com o jovem exigindo mais autonomia e apoio, os pais podem entrar em contato com necessidades deles mesmos enquanto casal e na relação com seus próprios pais (Garcia-Preto, 1995). O casal pode sentir necessidade de reavaliar sua satisfação conjugal, como bem ilustrou a situação seguinte:

José e Jenifer (quinta participação da família no grupo) sentaram mais próximos um do outro, se comparado a sua proximidade física nos encontros anteriores. Logo que começou a sessão, José comentou: “As reuniões têm feito muito bem pra nós, pra lidar como pai [...] trocar ideia com eles [filhos] [...]. Até pro nosso relacionamento também, meu e da Jenifer, foi bom.”

Mais adiante, ao perguntarmos a respeito de suas expectativas para o ano que se iniciava com relação ao trabalho grupal, Jenifer e José fizeram um apanhado sobre algumas contribuições do grupo para sua família, de alguma forma já sinalizando que não precisariam mais continuar participando do mesmo:

Jenifer: “Pra nós foi muito bom. A gente conseguiu esclarecer algumas coisas [...] a minha situação maior era os limites, [...] os limites, a relação entre nós também... [Jenifer olha para José] [...]”

Instantes depois, ao se referir aos filhos, Jenifer disse que eles estão mais calmos, mais “centrados”. José falou que isso pode ser devido a “evolução da mãe, do pai ... Eu acho que tem muito a ver [...] além da gente passar uma tranquilidade, estar mais tranquilo, eles estão mais tranquilos...”

Na continuidade, Jenifer relatou que os filhos estão “mais independentes” e que “até o pai [deles] está mais independente [dela]”. Jenifer acrescentou que

ela mudou, está mais calma. José complementou o que havia falado sobre sua relação conjugal, dizendo que eles dois estão mais “carinhosos” um com o outro: “A gente está se chegando mais.”

Nosso entendimento é de que Jenifer e José se reorganizaram pessoalmente e como casal. Se este reencontrou o sentido do matrimônio e flexibilizou a forma de colocar limites, o filho não precisa ser o depositário das angústias pessoais de seus pais e do casal e, a partir da negociação dos seus direitos e deveres, pode seguir seu crescimento.

É interessante notar a diferença na forma como a mãe percebia os filhos em sua primeira participação grupal e como os definiu na sessão acima. Notamos que Jenifer construiu relatos alternativos e uma nova forma de pensar a respeito dos filhos: ela destacou que eles estão mais calmos e “centrados”. Além disso, enfatizou a emergente “independência” dos membros de sua família, o que nos fez pensar que ela os viu a partir de outra perspectiva, abandonando a narrativa saturada que enfatizava características negativas. Essa abertura a uma nova forma de pensar pode ter ajudado os pais a tolerarem uma maior diferenciação dos filhos adolescentes, com relação a seus genitores. Entendemos que Jenifer e José teceram essas mudanças com a ajuda dos participantes do grupo, pela escuta de outras vozes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com esse formato de grupo propôs conversas: entre autores de diferentes abordagens, pelas tentativas de aproximações entre elas; e entre participantes, terapeutas e equipe reflexiva, pelo compartilhamento de diferentes experiências e sentimentos.

Com relação às dificuldades do trabalho no grupo, principalmente no início, as faltas aos encontros foram fonte de alguma preocupação para nós, visto que não sabíamos se estávamos conseguindo ajudar as famílias. Com o passar do tempo, estreitaram-se as ligações entre os participantes, e entre nós e eles, e isso pareceu colaborar para que eles passassem a comparecer com relativa assiduidade. Os participantes expressavam a falta que sentiam dos ausentes, perguntavam por estes e sua ausência influenciava o clima emocional da sessão, principalmente quando não justificada pela família.

As identificações e interações entre os pais, a abertura dos participantes a ouvirem diferentes vozes, a relação construída entre terapeutas, equipe e famílias e destas entre si, e o investimento nos recursos do grupo foram as sementes para o desenvolvimento e crescimento do trabalho grupar.

Destacamos que, através de perguntas terapêuticas no grupo, a criação de novas descrições de si e do outro puderam enfraquecer relatos sobre problemas. Em nosso entendimento, ver sob outra perspectiva e escutar outras vozes pode ajudar as famílias a enfrentarem suas crises. As possíveis contribuições deste envolveram, por exemplo, o fortalecimento de vínculos entre membros da mesma unidade familiar. Alguns pais, na presença de seus filhos (crianças e adolescentes), puderam comunicar a respeito de sua própria experiência e o valor desta, expressando sentimentos relacionados a elas. Os filhos também puderam expressar seus sentimentos em relação aos pais e dessa forma, ambos colaboraram para uma aproximação emocional mútua. As conversações construídas demonstraram a possibilidade de resgate de recursos familiares e de ligações intergeracionais inclusive com progenitores já falecidos.

Ademais, as conversações produzidas foram por nós consideradas como um recurso favorável ao surgimento de novos relatos, novas formas de pensar, sentir e agir. O trabalho grupar pareceu favorecer aberturas não só a novas formas de pensar a respeito de si e do outro (principalmente entre membros da mesma família), como também a novas formas de agir.

No que se refere aos componentes do grupo, acreditamos que a presença de famílias apresenta algumas vantagens, se comparado a um grupo formado exclusivamente por pais ou adultos. Quando há duas ou três gerações presentes, os filhos podem conhecer experiências de vida de seus genitores e sentimentos relacionados a elas, podem questionar algumas regras que não estão sendo férteis para o desenvolvimento da família ou protestar quando se sentem invadidos em sua autonomia. Também os pais podem aprender a ouvir seus filhos e a compreender melhor seus sentimentos e atitudes.

Além disso, pensamos que o trabalho grupar permitiu novas formas de interação não somente entre membros da mesma família, mas também com as demais pessoas participantes. Com o decorrer das sessões, o grupo pareceu se assemelhar a um sistema com “vida própria”, com as famílias interagindo e dialogando entre si, adquirindo cada vez mais autonomia das terapeutas, as quais passaram a mediar e por vezes acrescentavam reflexões: foram as famílias participantes, equipe reflexiva e terapeutas que juntas teceram o grupo.

Como ganho adicional, o trabalho com o grupo multifamílias foi vivido por nós terapeutas como uma experiência enriquecedora, pois possibilitou refletir sobre todas essas questões apontadas aqui, bem como outras que ainda precisam ser organizadas num

próximo estudo. Acreditamos que o trabalho de grupo beneficia todos seus integrantes, sejam as famílias mais falantes, as mais quietinhas; os membros mais velhos, os mais novos; a equipe e as terapeutas. Todos nós ganhamos com o compartilhar de experiências e com o reconhecimento de novas possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSEN**, T. (1998). Reflexões sobre a reflexão com as famílias. In S. McNamee, K. J. Gergen (Eds.). *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ANDERSEN**, T. (2002). *Processos reflexivos*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- ANDERSON**, H., **GOOLISHIAN**, H. (1998). O Cliente é o especialista: A abordagem terapêutica do não-saber. In S. McNamee, K. J. Gergen (Eds.). *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- BARRETO**, A. (2005). *Terapia comunitária passo-a-passo* (Vol. 1, pp. 37-98). Fortaleza: Gráfica LCR.
- BIASOLI-ALVES**, Z.M.M. (2001). Crianças e adolescentes: A questão da tolerância na socialização das gerações mais novas. In Z.M.M. Biasoli-Alves, R. Fischmann (Eds.). *Crianças e adolescentes: construindo uma cultura da tolerância*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- CARTER**, B., **MCGOLDRICK**, M. (1995). As Mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar (2a ed.). In B. Carter, M. McGoldrick (Eds.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- COSTA**, L. F., **CONCEIÇÃO**, M. I. G., **SUDBRACK**, M. F. O. (2010). O psicólogo na comunidade: abordagem psicossocial e grupal às famílias. *Nova perspectiva sistêmica*. 38, 119-126.
- DUQUE**, D. F. (2001). *Prevenção da violência em comunidade carente de Florianópolis*. Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Terapia Familiar, Porto Alegre, RS.
- GARCIA PRETO**, N. (1995). Transformação do sistema familiar na adolescência. In B. Carter, M. McGoldrick. (Eds.). *As Mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. (2a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- GELAIN**, D. G. (2010). *Contribuições de um trabalho grupal multifamiliar para as famílias participantes*. Monografia de Especialização. Orientação de Doris Waldow. Familiare Instituto Sistêmico, Florianópolis, SC.
- GRANDESSO**, M. A. (ago. de 2005). Terapia Comunitária: um contexto de fortalecimento de indivíduos, famílias e redes. *Família e Comunidade*, 2(1), 103-114.
- GUANAES**, C. (2006). *A construção da mudança em terapia de grupo: um enfoque construcionista social*. São Paulo: Vetor.
- MOUJAN**, O. F., **MAZIERES**, C. R. de (1978). Grupo de padres. *Terapia familiar: Estructura, patologia y terapéutica del grupo familiar*. Ano 1 - n. 2. 44-76.
- RAVAZZOLA**, M. C., **BARILARI**, S., **MAZIERES**, G. (1997). A Família como grupo e o grupo como família. In D. E. Zimmerman, L. C. Osório (Eds.). *Como trabalhamos com grupos?* Porto Alegre: Artes Médicas.
- WHITE**, M., **EPSTON**, D. (1993). *Medios narrativos para fines terapéuticos*. Barcelona: Paidós.
- WHITE**, M. (1995). *Reescribir la vida*. Barcelona: Gedisa.